

ENTRE A FÉ E A FOLIA: FESTAS DE REIS REALIZADAS EM CONCEIÇÃO DO COITÉ (1990-2009)

Fabiane Pinto da Silva Oliveira¹

Resumo

A festa revela não apenas os momentos festivos de uma localidade, mas também as vivências cotidianas, suas identidades, valores e tensões. Este artigo discute as festividades em homenagem aos Santos Reis, ocorridas no município de Conceição do Coité durante o período de 1990 a 2009. Analiso as imbricações entre as esferas sagradas e profanas existentes nessa festividade; as rupturas e continuidades, que se efetivaram ao longo dos anos; como também a contribuição da cultura africana para tal festejo. A fim de entender essa festa, recorro às narrativas dos participantes bem como registros fotográficos e audiovisuais.

Palavras-Chaves: Reisado - Fé - Festa

Uma discussão necessária: História Cultural, cultura popular e a festa como objeto da História

A festa, a partir da década de 1970, passou a receber, por parte da historiografia, uma atenção constante e inovadora. Isso se deu graças ao movimento de historiadores ligados à História Social que resgatava não só a perspectiva do mundo da cultura na história, mas a perspectiva da “história vista de baixo”. Até então, os costumes, as crenças, as superstições e outras formas de sentir e agir do homem em sociedade eram enquadrados nas pesquisas do Folclore e da Antropologia Cultural.

A festa, como objeto de estudo, pertence ao campo historiográfico da História Cultural. Esta, embora recente como rótulo, é herdeira de uma já longa trajetória, cujos primórdios podem ser situados na aparição da Escola dos Annales, nas primeiras décadas do século XX e, mais diretamente, como afirma Cecília Azevedo (2003), na crise do paradigma economicista da década de 1960. O abandono das grandes teorias de corte estruturalista fizeram desmoronar uma visão mecânica das sociedades, possibilitando abordagens etnográficas na História, colocando em foco a consciência, as tensões, as atitudes e as crenças dos atores sociais.

Ronaldo Vainfas (1997) afirma que o grande refúgio da História das Mentalidades – conceito que sofrera grande desgaste, quase irreversível em face das inúmeras críticas – foi sem dúvida, o da chamada História Cultural. Segundo ele, esse campo era mais consistente já

¹ Estudante de História da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV. Pesquisa desenvolvida sob orientação da Prof. Dra. Sharyse Piroupo do Amaral.

que, em suas principais versões, procurou defender a legitimidade do estudo do “mental” sem abrir mão da própria história como ciência específica.

A História Cultural - diferentemente da história da cultura, que tinha como objetivo estudar as manifestações “oficiais” ou “formais” da cultura de uma determinada sociedade – embora não rejeite as expressões culturais das elites, mostra sua preferência pelas “manifestações das massas anônimas: as festas, os motins, as crenças heterodoxas (...) em uma palavra, revela uma especial afeição pelo informal e, sobre tudo, pelo *popular*” (VAINFAS, 1997, p.149).

Ratificando a idéia de Vainfas, Rachel Soihet (2003) lembra que, devido à tradição iluminista, a história da cultura privilegiava as idéias e manifestações eruditas, apresentando-se como sinônimo de história intelectual. Essa história se ajustava aos alvos etnocêntricos do pensamento europeu do século XIX, preocupado em demonstrar a superioridade de uma cultura em face de outra. A autora ressalta a enorme contribuição da história cultural, principalmente no que diz respeito aos subalternos. Esta é mantedora do interesse da história social pelos “de baixo” sem excluir os “de cima”.

Assim, os que se dispõem a reconstruir a atuação de segmentos ausentes, por longo tempo, da escrita da história (...) têm-se decidido pelo campo da história cultural. (...) por que a cultura se constitui, normalmente, em canal preferencial de expressão dos anseios, necessidades, e aspirações dos subalternos, configurando-se como o seu principal veículo de coesão e de construção de identidade/ identidades. (SOIHET, 2003, p.19)

O uso da interdisciplinaridade por parte da História Cultural trouxe grandes contribuições ao saber histórico, principalmente pelas multiplicidades de abordagens que nele se tem apresentado. Cecília Azevedo e Maria Regina de Almeida (2005) destacam a contribuição, em especial de historiadores e antropólogos, para valorizar alguns temas e sujeitos sociais anteriormente negligenciados em nossa historiografia. Para essas autoras, a História Cultural constitui o principal ponto de encontro entre as duas disciplinas, campo no qual a fronteira entre elas torna-se tênue ou até desaparecem em abordagens interdisciplinares que ampliam e enriquecem nossos conhecimentos.

Foi a partir desse contexto, proporcionado pela História Cultural, que as festas ganharam destaque como objetos de estudo, permitindo compreendê-las dentro de uma dinâmica de sociabilidades.

Depois dessa breve discussão sobre as mudanças na historiografia – onde os indivíduos comuns passaram a ser vistos como agentes da História, que pensam, agem, criam e transformam seu próprio mundo e tudo o que lhes são impostos, devido à sua herança cultural e de sua experiência histórica – fica evidente que as festas religiosas tornaram-se o lugar privilegiado para se pensar a religiosidade popular e sua relação com os diferentes segmentos sociais.

Dessa forma, ao se tornarem objetos dos historiadores, “desnudou-se a questão acerca da dinâmica e do movimento das festas, colocando-se no centro a sua própria historicidade avaliada através de diferentes variáveis” (ABREU, 1999, p.38).

Proponho agora uma breve discussão acerca de um conceito muito controvertido, que já fora utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvido com juízo de valor, homogenizações e disputas teóricas e políticas: o conceito de cultura popular.

Carlo Ginzburg, em *O queijo e os vermes*, remonta a história de um moleiro friuliano condenado como herege pela Inquisição do século XVI. Nesta obra Ginzburg trabalha com um conceito original de cultura popular, definindo-a como o conjunto de atitudes, crenças e códigos de comportamentos próprios das classes subalternas num certo período histórico. Assim, esse conceito rejeita a idéia de cultura imposta às classes populares pelas classes dominantes, como também a de um triunfo de uma cultura original e espontânea das classes populares sobre os projetos aculturados das elites letradas.

Para Ginzburg, somente através do conceito de “cultura primitiva” é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos muitas vezes definidos de forma paternalista como “camadas inferiores dos povos civilizados” possuíam cultura. Segundo ele:

A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. Dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção antiquada de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também a posição de quem distinguia nas idéias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais do que um acúmulo desorgânico de fragmentos de idéias, crenças, visões de mundo elaboradas pelas classes dominantes, provavelmente vários séculos antes. A essa altura começa a discussão sobre a relação entre a cultura das classes subalternas e a das classes dominantes. (GINZBURG, 2006, p.12)

Inspirado, como confessa, por Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg propõe o conceito de circularidade cultural, segundo o qual são recíprocas as influências entre a cultura hegemônica e a cultura subalterna, que se movem de “cima para baixo” como também de “baixo para cima”.

Para Martha Abreu (2003) cultura popular é algo que vem do povo, daí o fato de ninguém saber definir muito bem esse conceito. Essa autora deixa claro que não entende cultura popular como um conceito que pode ser definido como uma fórmula imutável e limitante, no entanto, é preciso conceber cultura popular “como um instrumento que serve para auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada” (ABREU, 2003, p. 84). Acredita que a expressão cultura popular, além de permitir o resgate ou a reconstrução da possível autonomia das pessoas pensarem e agirem no mundo em que vivem, essa expressão mantém aberta a possibilidade de se pensar em um campo de lutas e conflitos sociais em termo das questões culturais. Podem também estimular a criação de identidades social-culturais e veículos duradouros entre grupos de reconhecida expressão cultural ou religiosa, como, por exemplo, os grupos que organizam folias de reis e congadas.

Comungo com a idéia de Abreu quando esta afirma que cultura popular não é um conjunto fixo de práticas, objetos ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico. “Cultura popular não se conceitua, enfrenta-se. É algo que precisa ser sempre contextualizado e pensado a partir de alguma experiência social e cultural.” (Abreu, 2003, p. 95). Para essa autora o conceito só emerge na busca da maneira como as pessoas comuns enfrentam as novas modalidades, da maneira como criam, vivem, expressam e conferem significados a seus valores, suas festas, religião e tradições, considerando sempre a relação complexa, dinâmica, criativa, conflituosa e por isso mesmo política, mantida com os diferentes segmentos da sociedade.

Acredito, assim como Martha Abreu (1999), que as festividades - de caráter religioso, carnavalesco ou social – se constitui em um excelente espaço para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações.

Para Mikhail Bakhtin (1987), as festividades, qualquer que sejam o seu tipo, é uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo, tampouco como uma necessidade fisiológica do descanso. Para que sejam verdadeiras festas é preciso dois elementos a mais: o espírito e as idéias. Assim, as festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Bakhtin analisa o carnaval na Idade Média e no Renascimento como uma festa de inversão, momento de libertação e quebras de regras.

Ao estudar as festas coloniais, Mary Del Priore procurou investigar que significado a festa possuía para os vários segmentos da sociedade. Priore analisou as festas coloniais como expressão teatral de uma organização social, sendo também, fato político, religioso ou simbólico. O espaço festivo torna-se local de criatividade, prazeres, troca cultural e, também local de luta, controle e manutenção de privilégios e hierarquias: “ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder.” (PRIORE, 2000, p.09).

No período colonial, o ardor da festa junto com seu som incentivava a quebra de regras e o rompimento com os padrões sociais impostos pelas autoridades. A festa era o espaço do exagero. Também neste período, as festas, reais e religiosas, eram utilizadas para acentuar a identificação entre o rei e a religião, ou ainda, o Estado e o clero permitiam o divertimento como forma de ampliar seus poderes. No entanto, diferentes segmentos da sociedade aproveitavam as brechas nesses espaços para inserir traços da sua cultura.

Índios, negros, mulatos e brancos manipulavam as brechas no ritual da festa e as impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidades para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas. (PRIORE, 2000, p.89).

As práticas católicas no Brasil sempre foram marcadas por efusivas manifestações de fé, visíveis nas missas, nas procissões e nas festas com músicas, danças, bebidas, comidas e fogos de artifícios. Para João Reis (1999), as Irmandades foram de fundamental importância para propagar o catolicismo popular. Estas, eram organizadas como um gesto de devoção a santos específicos que, em troca da proteção aos devotos, recebiam homenagens em exuberantes festas. Numa tradição que já vinha da colônia, religiosidade popular, festa e sexualidade se misturavam no imaginário coletivo da Bahia de Todos os Santos. Os baianos tinham compromisso com o catolicismo, não o de Roma, mas aquele de feitiço mágico, impregnado de paganismo e sensualismo, adotado pelo povo e mesmo membros da elite.

Cenário e origem da Folia de Reis no município de Conceição do Coité

O município de Conceição do Coité está situado na zona fisiográfica do Nordeste, ao leste da Bahia, na microrregião de Serrinha. Sua distância da capital do Estado é de 210 Km.

Nas atividades econômicas se destaca com o cultivo do sisal, sendo o principal exportador da região, além de cultivar mandioca, feijão e milho. No setor educacional o município conta com escolas, públicas e particulares, de 1º e 2º graus bem como a Universidade do Estado da Bahia e outras universidades particulares. O cristianismo é a religião predominante nessa cidade e em suas variações encontram-se templos Assembleianos, Congregacional, Pentecostal, Espíritas, Umbandistas, Católicos, dentre outros.

Segundo Vanilson Lopes (2002), Conceição do Coité começa a surgir no cenário baiano a partir de 1612, quando os Guedes de Brito se declararam donos das Sesmarias dos Tocós, abrindo estradas, interligando Salvador ao Alto Sertão do São Francisco e ao Estado do Piauí, facilitando o trânsito das boiadas. A fazenda Coité surgiu como local de criação de gado e rancho para descanso de vaqueiros e animais.

Um marco importante na história de Coité foi a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição iniciada em 1756, nas terras ofertadas por João Benevides. Essa referida santa tornou-se a padroeira da cidade e, devido à facilidade de acesso, a fazenda Coité desenvolveu a atividade do comércio. Depois da construção da capela passou-se a realizar, sempre às sextas-feiras, uma pequena feira ao seu redor e ali vários produtos eram comercializados, fixando, mais tarde, a feira livre da cidade para esse dia, o que perdura até hoje.

Em sete de julho de 1933, depois de pertencer a várias cidades da região, Conceição do Coité conquista definitivamente a sua independência e se torna cidade.

O cultivo do sisal foi bastante fecundado no município de Coité. Ainda segundo Vanilson Lopes (2002), o grande movimento econômico iniciou-se na década de 1940, quando ainda era uma cultura desconhecida. A cultura do sisal encontrou na região condições propícias para o seu desenvolvimento, era resistente à seca. Assim, a produção do sisal tornou-se uma alternativa para a sobrevivência no sertão baiano, os longos períodos de seca prejudicam as plantações, mas as mudas de agave, como também é conhecido o sisal, se adaptam bem ao solo.

É neste cenário que as primeiras manifestações de Reis vão se apresentar. A devoção aos Santos Reis vai estar presente em vários locais, principalmente na zona rural, como no Distrito de Itamar, Salgadália, Juazeirinho e Cabaceiras, meu local específico de estudo. Durante todo o desenrolar da pesquisa de campo, percebi que estas pessoas, todas moradoras da zona rural, trazem na bagagem a riqueza de uma tradição oral recheadas de contos, provérbios e de rituais religiosos, constituindo-se em um campo fértil de pesquisa para os historiadores.

A Folia de Reis, Reisado, ou Festa dos Santos Reis é um auto popular que procura rememorar a jornada dos reis magos: Gaspar, Melchior e Baltasar, a partir do momento em que eles receberam o aviso do nascimento do Salvador. Essa festa, assim como várias outras, foi trazida pelos portugueses no início da colonização e, de acordo com Vera Jukevics(2008), suas longíquas raízes se encontram na Festa do Sol Incrível, comemorada inicialmente pelos egípcios e, mais tarde, incorporada pelos romanos.

As narrativas dos participantes da Folia de Reis na região apontam como primeiro devoto aos Santos Reis em Cabaceiras a pessoa de “seu” Macário das Mercês - pai de Geraldo (atual organizador) - há mais de meio século. Sr. Geraldo nos declara que desde a sua infância, hoje tem cinquenta e três anos, já convivia com essa manifestação em sua residência.

A devoção aos Reis iniciou-se na roça, talvez pela necessidade de um período de descanso e divertimento, tendo como elemento principal a fé. A respeito da origem do Reisado, Sr. Geraldo nos declara:

O Reisado é uma coisa de pessoas pobres, é todo mundo de cá da roça, não é ninguém da cidade. Nasceu aonde? Na luta braçal, no campo, no sol, na chuva, no sisal e na roça, carpino de enxada e etc. (Sr. Geraldo, 04/01/2010)

Assim, a festa em Coité, por sua origem rural, apresenta características peculiares como a utilização da enxada, instrumento de trabalho, e a cuia, que é feita de fruto oco de determinada espécie que quando seco é utilizada como recipiente de água e farinha na região. A utilização desses instrumentos, desde quando se iniciou a devoção no povoado, nos mostra que os rituais realizados há muito tempo acaba por adaptar novos hábitos, conforme a região, demonstrando um dinamismo próprio, mas sem abrir mão de sua principal essência: a fé.

Durante esse meio século, a devoção vai passando de pai para filho. Sr. Geraldo não é o único que segue o caminho do pai, outros componentes também aprenderam essa devoção com a figura paterna, como nos fala Sr. Belmiro: “é uma tradição velha, raiz dos nossos velhos pais. Eu fico honrado e orgulhoso com a herança que ele me deixou” (Sr. Belmiro,10/01/2010).

Que se abram as cortinas: a festa vai começar

A preparação da festa é responsabilidade dos organizadores, que recebem o apoio da comunidade local ou ainda, “levanta a bandeira”, como afirma Sr. Geraldo, no esforço conjunto para não deixar morrer um ritual que faz parte da cultura e da história do povoado.

Antes do calendário da festa - que ocorre entre vinte e cinco de dezembro, dia do nascimento do menino Jesus, a seis de janeiro, dia da visita dos três reis magos - o grupo faz vários ensaios como preparação para a grande “noitada”².

A reunião inicial se dá no povoado de Cabaceiras. Já decidido o local da cantoria - se zona rural ou urbana, bem como as casas a serem visitadas – começa a festa. Se a folia for zona rural, os participantes vão à pé todo o roteiro, já se o local escolhido for a cidade, o grupo vem de carro e no local determinado juntam-se todas as pessoas e, após o começo da festa, segue-se à pé.

Ao chegar próximo à residência escolhida fazem silêncio para surpreender o dono da casa. Esse silêncio é conseguido a muito custo, visto que todos estão bastante animados para fazer a surpresa. Chegando à casa escolhida começa a festa com canções que são acompanhadas pela viola, pandeiro, cuia, enxada e muitas palmas ritmadas:

Na chegada dessa casa
Tem uma formosa bandeira
Que nela vem retratada
A mãe de Deus verdadeira

Graças a Deus que eu cheguei
No lugar onde eu queria
Vim tirar uma suspeita
Que no meu peito eu trazia

Ô de casa, ô de fora
Menino vai vê quem é
Somos cantador de Reis
E quem mandou foi São José

Deus lhe dê uma boa noite
Alegremente cantando
Com despedida de festa
Com entrada de um novo ano

E que cavaleiro é aquele?
Que vem da parte do mar
Eles são os três reis magos
Que Jesus veio visitar

² Expressão utilizada por um participante para caracterizar a noite da festa.

O primeiro trouxe ouro
 Para seu trono ourar
 O segundo trouxe incenso
 Para o seu trono incensar
 O terceiro trouxe mirra
 Para seu trono mirrar

E até noite de Natal
 Noite de muita alegria
 Passeava São José
 Junto com a Virgem Maria

Cantar Reis não é pecado
 Foi coisa que Deus deixou
 São José e Santa Maria
 Foi quem primeiro cantou

São José vai muito triste
 Por que vai pelas montanhas
 Maria vai mais alegre
 Leva Jesus nas entranhas

Já saiu as três Marias
 Meia noite a passear
 Procurando Jesus Cristo
 Sem nunca poder achar

Foram encontrar ele em Roma
 Revistado no altar
 Um cálice de ouro na mão
 E missa nova vem cantar

Missa nova, nova missa
 Missa de toda alegria
 Quem quiser ver missa nova
 Vá na noite de Maria

Ô senhor dono da casa
 Abra a porta e acenda a luz
 Receba seu Santo Reis
 Para sempre amém Jesus.³

Essa música, geralmente cantada na chegada da residência escolhida - além de relatar o trajeto feito por José e Maria para o nascimento do menino Jesus bem como a visita dos Reis magos a criança – deixa evidente o caráter religioso da festa já que foi São José e Santa Maria quem primeiro celebrou aos Santos Reis. Percebe-se a constante justificativa de que esta festa é religiosa e necessária para que tudo ocorra bem no ano que chega. Outro elemento

³ Canção de Geraldo das Mercês, CD v. 2.

presente nesta música é a celebração aos donos da casa. Estes, são partes essenciais nessa festa.

É importante destacar que o morador só abre as portas da sua casa quando o grupo canta essa música ou quando alguém do grupo fala a última estrofe ou outro refrão que solicite a abertura da porta.

Depois de aberta as portas, dá-se vivas ao donos da casa, sua família e a festa continua, agora com a participação dos moradores. Na folia de 2006, por exemplo, a visita dos foliões na casa de Valdemir de Assis foi celebrada com muita alegria.⁴ Ali todos cantaram, beberam, comeram e, acima tudo, sambaram. Fez-se uma roda de samba aonde os donos da casa, visitante, integrante do grupo, crianças, e inclusive uma mãe de santo, girando sua saia rodada branca, sambaram ao ritmo das palmas.

Nesse episódio, uma senhora merece destaque. Todo o tempo sambou com uma garrafa de bebida na cabeça, sem deixá-la cair. Essa forma de apresentação não é uma particularidade do grupo de reis de Cabaceiras. A revista *Bahia de Todos os Cantos* (ano 1, n.1, 2009) descreve essa apresentação de equilíbrio - muitas vezes adquirida com o trabalho na roça, seja carregando a lata d'água ou o feixe de lenha – do grupo de reisado de moça de Itamar, distrito também pertencente a Coité.

A folia em uma casa tem duração entre quinze e vinte minutos, despede-se daquela residência com muita alegria, abençoando os moradores. E assim, ao chegar às próximas residências a apresentação se repete até o dia clarear.

A presença do grupo na casa de Valdemir não é novidade, todos os anos o grupo visita a sua residência:

Nós somos casados a vinte e um anos e desses vinte e um anos, vinte cantaram Reis lá em casa, apenas um ano não cantou em função de uma pessoa do grupo que faleceu e naquele ano não teve apresentação(...). Eu acho que das casas de Coité, em vinte e um anos abrir a porta é ... (Valdemir, 07/01/2006)⁵

Essa pausa na fala de Valdemir nos faz entender que não são todos os moradores que abem as portas de suas casas para receber os cantadores, alguns recusam-se e quando isso acontece faz-se a cantoria do lado de fora ou segue-se para a próxima casa.

⁴ Essa visita está registrada no DVD produzido pelo Grupo,

⁵ Todos os depoimentos de Valdemir de Assis utilizados neste artigo é resultado da análise do primeiro DVD do grupo.

O grupo é constituído somente por homens, Geraldo, Luís, Otacílio, Belmiro, Roque, Gregório(Coca), Agenor, Vivaldo(Vardo) e Sizino, com faixa etária entre quarenta e oitenta e três anos. Apesar de ser um grupo de homens, a presença feminina é intensa. As mulheres participam com muita alegria, cantando, sambando e batendo palmas. As crianças também marcam presença na Folia com a mesma animação dos adultos. Os integrantes do Grupo vestem uma camisa vermelha ou azul com um desenho do sisal, principal planta cultivada na região, e o nome do grupo “Grupo de Reisado da Cabaceira”, e calça jeans. A vestimenta é complementada com um chapéu de couro ou de palha. As demais pessoas acompanham o grupo com roupas comuns.

A juventude também marca presença, no entanto, com menor intensidade que os demais seguimentos. Essa constatação preocupa Sr. Geraldo:

Eu estou lutando com os jovens, hoje a tendência...e quem está nessa idade, eu estou com dois homens que estão dizendo que não vai agüentar mais. Uma pessoa com oitenta e dois e oitenta e três agüentar fazer uma noitada, como fizemos duas noites em seguida não é brincadeira. E eles estão lá, segurando o pandeiro, a viola(...), enxada, bate palmas, canta, vibra. E vai chegar um ponto que eles não vai agüentar mais. E agora, quem vai substituir eles? Por isso que eu digo: a cultura pode acabar. (Sr. Geraldo, 04/01/2010)

A preocupação de Sr. Geraldo é amenizada com a presença das crianças que assim como ele, festejam os Santos Reis desde os quatro anos, aprendem logo cedo a importância da festa. Assim, crianças, jovens e velhos seguem o grupo, festejando, seja por devoção e/ou divertimento.

Percebe-se nesta festa, um sentimento de pertença muito grande dos moradores da localidade. Como demonstrou Andrade (2008), é através da festa e da própria localidade que eles se identificam e expõem as práticas construída cotidianamente, que se reconhecem enquanto pertencente a um espaço que é seu e ao mesmo tempo é compartilhado com tantos outros.

Azevedo (2003) destaca a plasticidade das identidades coletivas, sua natureza móvel, flutuante, mutável. Assim, para essa autora, identidade é uma construção social e simbólica dinâmica em função da sua permeabilidade em face do contexto. Ela é construída em função de acontecimentos que as nutrem, de circunstâncias que lhe confere forma. Dessa forma, um mesmo grupo pode passar por diversas configurações de identidade nos diferentes momentos

da sua história, de acordo com os recursos que lhe são oferecido pelas situações concretas por que passam.

A canção como testemunho histórico

Um elemento fundamental para a celebração aos Santos Reis são as canções. Esta, aqui, é tomada como documento histórico.

Na composição das letras ou no ato de cantar os sambadores deixam transparecer sentimentos vividos, emoções, sofrimentos, convicções. Assim, a canção torna-se um testemunho ancorado em um contexto histórico específico. Para Napolitano (2002), a canção é um produto cultural concreto, pois a sua subjetividade artística, representa e é representada por um grupo social que lhe é determinante. Cruz (2006) acrescenta que o grupo social é quem lhe fornece os motivos, os temas, e numa relação de troca, é também quem recebe seus versos, lhe dá movimento. Dessa forma, os temas das canções nos revelam, além da devoção religiosa, cenas do cotidiano, política, esperanças e, como não poderia faltar para um grupo que pertence ao semi-árido, o desejo da chuva.

Ô que nevoeiro bonito
 Ô como evem a trovoada
 Ô como evem a trovoada
 Ô como evem a trovoada
 Ô que nevoeiro bonito
 Ô como evem a trovoada.

Esse samba, “Nevoeiro bonito”, composição de Geraldo, mostra a felicidade de um sertanejo com a chegada da chuva, como também revela o conhecimento popular acerca da meteorologia.

Quase todas as letras das músicas são produzidas por Sr. Geraldo, que passa para os outros componentes do grupo através da oralidade - já que nem todos dominam a língua escrita. As músicas do reisado são quase sempre estruturadas em duas partes: a frente – que são as primeiras estrofes cantadas, que é feita por Sr. Geraldo e o Sr. Luís – e a resposta – que é a repetição da mesma estrofe pelos demais componentes. Para facilitar a transmissão das letras, Sr. Geraldo, no momento do ensaio, faz a frente e a resposta até a equipe aprender.

As canções religiosas, além de estarem sempre justificando o porquê festejar aos Santos Reis, colocando essa manifestação como sagrada, mostram as esperanças, devoção e fé dos participantes da folia:

Eu peço a Deus do céu
 Muita paz e muito amor
 Que o próximo ano que vem
 Me traga glória e sucesso
 (...)
 Eu vou curar uma dor
 Que tenho dentro de mim
 Vou lá na Igreja do Bonfim
 Fazer minhas orações
 Não é, Noel?
 Com fé em Jesus Salvador.

Um elemento que fica evidente na canção acima é a negociação entre santo e fiéis que, em busca da cura, seja para corpo ou o espírito, fazem visitação a templos para alcançar a graça. “Ir a Igreja do Bonfim” é de fundamental importância para que o pedido de cura seja atendido, ou seja, trata-se de uma troca simbólica entre o divino e o humano.

Nas músicas do Sr. Geraldo, seu cotidiano rural é sempre abordado. Dentre as várias composições destaco “Vaqueiro Malvado”:

Ô que vaqueiro malvado
 Ô que vaqueiro malvado
 Ô que vaqueiro é aquele
 Que entrou no meu cercado
 Tocou fogo na fazenda
 Queimou o capim do gado
 O gado não era meu
 Era de pastar o gado
 Ô que vaqueiro malvado.

Interpreto essa música como uma denúncia das práticas coronelistas que procurava meios - como tocar fogo na fazenda - para desestabilizar o trabalhador do campo, obrigando-o, muitas vezes, a vender o seu pequeno “cercado”, ou seja, pequena propriedade de terra, a grandes latifundiários, tornando-se agregados desses últimos.

A política é mais um ingrediente para as composições de Sr. Geraldo. A música “Emoção” mostra um momento político específico que foi a posse do Presidente Lula:

Vinte e sete de outubro
 O Brasil se transformou,
 Tornou-se em uma nação
 alegria e amor, alegria e amor

Quando chegou a notícia
 Luís Inácio ganhou,
 Eu chorei de emoção
 Quando eu vi na televisão
 Tudo que ele falou
 Vou pedir a Deus do céu
 Que Lula seja fiel
 Não é Macarrão?
 Que ajude os trabalhador.

O próprio título da música já sugere a felicidade do compositor com o resultado da eleição. A expectativa de mudança no cenário nacional com a posse de Lula é visível já que muitos trabalhadores, assim como Sr. Geraldo, sentiram-se representados na figura do Presidente. A emoção com o discurso de Luís Inácio, como também o apelo para que ele seja fiel, demonstra que estes eleitores estão atentos para os compromissos de campanha.

O sagrado e profano na folia de Reis

As festas religiosas em Portugal sempre incluíram apresentações de autos, touradas, cavalhadas e comédias. Além da realização das missas e procissões, os portugueses faziam folguedos com música, dança e bebida para homenagear seus santos. Havia uma carnavalização das apresentações religiosas.

Essa religiosidade portuguesa foi trazida para o Brasil e desde as primeiras grandes festas religiosas realizadas pelos portugueses, o sagrado e o profano aparecem sempre entrelaçados nessas festividades.

Segundo Serra (2000) apesar de o termo “profano” ser usado muitas vezes como equivalente de “não religioso”, a idéia de profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe à noção de sagrado. Para ele, essa oposição liga as duas referidas categorias de forma necessária, numa estreita correlação. Acrescenta que essa oposição dramática que relaciona o campo festivo da igreja e do largo é um traço antigo. Desde a Idade Média era comum manifestações populares pagãs invadirem o campo dos ritos sagrados. A folia então integrava muitas manifestações cristãs, correspondendo a uma afirmação do povo, das culturas populares.

No Brasil Colonial, a imbricação do sagrado e o profano estavam presentes nas manifestações religiosas e nas festas públicas organizadas pelas autoridades civis. Índios e negros também usavam o lúdico para homenagear as suas divindades. O chamado

Catolicismo Popular – que fora profundamente influenciado por práticas pagãs – não era uma peculiaridade negra, como bem discute Reis:

Nas celebrações das confrarias negras, o sagrado e o profano freqüentemente se justapunham e às vezes se entrelaçavam. Além de procissões e missas, a festa se fazia de comilanças, mascaradas e elaboradas cerimônias (...) Mas a carnavalização das comemorações religiosas baianas não foi obra apenas dos africanos e seus filhos. A invasão mundana do sagrado não tinha cor. A execução de danças e mascaradas no espaço da festa religiosa fazia parte de uma antiga tradição portuguesa.(REIS, 1991, p.62-66)

Uma característica do Reisado de Cabaceiras é a combinação de elementos sagrados e profanos. Mesmo se tratando de uma festa religiosa, misturam-se cânticos com muito samba e requebrados dos pés a cabeça. Muitos participantes festejam como se estivessem em um baile carnavalesco. Nessa festa, a presença da comida e muita bebida também é constante. Ao chegarem nas residências para festejar aos Santos Reis, sempre lhes são ofertados esses itens que, na opinião da maioria dos participantes, é de fundamental importância para animar e agüentar festejar todo o trajeto, como declara Sr. Geraldo:

A gente toca uma noite, na volta da meia noite, a gente se cansa, de manhã amanhece cansado, com fome, abatido. A bebida é pra levantar o astral porque derrepente a gente se cansa, o sono bate, tomo uma bebida, levanta o astral. E a comida vem pra reforçar, certo? (Sr. Geraldo, 04/01/2010)

Para os participantes não há uma distinção entre o sagrado e profano na Folia. Assim, como afirma Soihet (2005) todo o cumprimento dos rituais religiosos assumem o mesmo significado das demais manifestações como a comida, bebida, dança e música, sendo que estas estão longe de serem sentidas como oposta ao espírito religioso. Constituíam-se em uma parte indissolúvel dessa trama. Neste sentido Eliade (1992) observa que elementos sagrados e profanos não possuem uma única forma de apresentação, variando de acordo a cada religião e cultura.

Tanto homens como mulheres consomem bebidas alcoólicas ao longo da festa. O excesso de bebidas fica evidente na fala de Valdemir de Assis:

(...) Geraldo só chegava aqui de madrugada e os seus companheiros já estava chumbado, e aí eu disse a Geraldo: Geraldo, como é que você faz imagem [referindo-se a gravação do DVD] dos companheiros chumbados, é melhor você vim logo cedo. (Sr. Valdemir, 07/01/2006)

Dessa forma, nessa manifestação religiosa fica visível um intenso trânsito entre as esferas sagrada e profana sem, no entanto, entendê-las como contraditórias. Essa circularidade é contínua e de grande invisibilidade.

A festa torna-se, possivelmente, a única oportunidade de prazeres e alegrias, confraternização e divertimento, já que em sua maioria os participantes são trabalhadores do campo com uma grande carga horária de trabalho e muitas vezes, ainda, castigados pela seca.

A influência negra no reisado de Cabaceiras

Desde o período colonial a cultura africana já se fazia presente nas festividades religiosas. A participação dos negros nas festas religiosas ou públicas, realizadas pelos portugueses, nem sempre era um motivo de preocupações para os senhores. Os atabaques e os cantos dos negros, para muitos senhores, significavam que eles estavam no terreiro, portanto, controlados. Na verdade, o direito de festejar é resultado de conquistas dos escravos em suas negociações cotidiana com seus senhores.

A festa foi vivida pelos escravos com diversos fins, sentidos e resultados como coloca Reis:

Era uma oportunidade para a celebração de valores culturais trazidos pelos africanos e de outros aqui criados. Servia para preencher as poucas horas de folga ou para acolher os que fugiam das horas de trabalho. A partir e em torno dela muitas coisas se tornava possível. (REIS, 2005, p.101)

O calendário católico promovia a ocupação das ruas e constituía um importante espaço de expressão da festa negra, assim, os africanos produziam suas próprias comemorações paralelas que podiam ser também católicas.

Compartilho com o pensamento de Reis (2005) quando este afirma que na maioria das vezes os tambores batiam para anunciar um outro tipo de rebelião, diferente dos ataques frontal à sociedade escravista baiana. Eles comunicavam que os africanos e seus descendentes não se deixariam escravizar culturalmente.

Tanto em seu conteúdo quanto na sua forma de apresentação o Reisado de Cabaceiras está fortemente influenciado por elementos da cultura africana. A maioria dos

participantes, ao serem questionados a respeito da contribuição da cultura africana para a festa, declaravam que não sabiam informar, ou então negavam esta influência. Acredito que essa negação acontece pelo fato de os entrevistados tomarem cultura africana como sinônimo de Candomblé, religião que fora duramente perseguida, criando um imaginário social negativo a respeito das práticas negras, caracterizando-as como profanas e demoníacas.

Dessa forma, os participantes desconhecem a contribuição dos elementos africanos na festa mas, contam com naturalidade a visita do grupo à casa de pai e mãe de santo, que não só recebem a visita como também, algumas vezes, acompanham o grupo em todo o trajeto.

No reisado tudo termina em samba. Aliás, não só termina, mas também começa. Participei de um encontro do grupo para fotografar a capa do DVD, as fotos duraram cinco minutos, o samba e o batuque durou toda manhã e entrou pela tarde, só parando depois da constatação de que havia um enfermo na residência próxima. Assim, o samba torna-se o próprio espírito da festa e os integrantes se denominam de sambadores.

Rupturas e continuidades na Folia de Reis

A festa, assim como a História, não é imóvel, ela é recriada, reapropriada e ressignificada expressando ações e sentidos dos seus agentes. A Folia de Reis, ao longo dos anos, passou por muitas modificações e ressignificações. Mudou-se a forma de vestir-se, apresentar-se, os instrumentos e os participantes.

A princípio não havia um grupo formado, no sentido de nomes de componentes, mas sim um grupo de Reis organizado por Sr. Macário, e mais tarde por seus filhos, que durante o período dedicado à festa, seis dias seguidos, tocavam Reis nos povoados da cidade e até em municípios vizinhos. Iam todo o trajeto à pé, não havia carro disponível, transformava-se quase em um ritual peregrinatório, nas palavras de Sr. Luis, “iam porque gostava”.

Também não havia roupas específicas para a apresentação. Eram chapéus e roupas comuns que, durante os preparativos, eram enfeitados pelas mulheres com flores naturais ou artificiais (feitas com papel), as fitas também faziam parte da ornamentação. As roupas aos poucos foram perdendo seus enfeites e foi desde a gravação do primeiro CD, que as camisas uniformizadas bem como o grupo com seus componentes definidos, passaram a fazer parte da organização do grupo.

Assim, percebemos que as mulheres sempre tiveram papel fundamental no festejo. Antigamente participavam da confecção das roupas, hoje, apesar de não possuírem mais essa

função, continuam participando de forma direta com a dança, canto e palmas, ou indiretamente, no preparo dos alimentos que são servidos ao grupo nas noitadas e nos encontros.

Os instrumentos também mudaram bastante. Antes tocavam com uma viola comum, a cuia, enxada e os pandeiros feitos de couro de animal como nos fala Sr. Luis que participa a mais de quarenta e cinco anos da festa:

Os pandeiros eram feitos de couro de bode, hoje é pandeiro industrial, saia daqui, já levava dois sacos de cimento vazio, acendia um fogo, quando estava chovendo era sufoco, o fogo não pegava no meio da rua... Acendia o fogo e esquentava os pandeiros que estava fofo e não tinha som. (Sr. Luís, 10/01/2010)

Sr. Gregório (Coca) também relata a mudança nos instrumentos, e para ele é bem melhor com o pandeiro industrializado já que, muitas vezes, com a chuva, não podiam esquentá-los.

Na verdade, não houve uma substituição dos instrumentos, mas, um aperfeiçoamento contando com o apoio da tecnologia. A cultura também interage com a modernidade seja na adaptação dos instrumentos ou na gravação de CDs e DVDs para melhor divulgar o trabalho desse povo do campo. Essa mudança se faz necessária pelo novo formato que o grupo está estruturado. Além da celebração aos Santos Reis de acordo com o calendário festivo, o grupo também faz apresentações em outras festas, como a da Padroeira de Conceição do Coité, festivais, bem como em datas comemorativas, como no Dia do Trabalhador.

Para Sr. Belmiro, que participa há mais de vinte anos, o Reis de antigamente era pouco divulgado: “antigamente tinha o reisado que era uma tradição no nosso Brasil todinho (...), todo mundo admirava aquilo, mais era uma coisa guardada, escondida, que não saía” (10/01/2010). Hoje o grupo é conhecido na região e suas músicas tocam em várias rádios.

Assim, a festa continua com alguns elementos desde a sua criação, mas também ganhou elementos novos para que ela continue a fazer sentido para as pessoas que participam e se divertem com a Folia. Entre tradições e continuidades a festa sempre se transforma, apesar de algumas tentativas de continuidade, ela ganha novos sentidos e possibilidades.

Considerações finais

Dessa forma, parafraseando Andrade (2008) a festa cumpre seu papel, não somente de divertimento e adoração, mas também a função de socialização, pois é a partir dela que ocorre o aprendizado dialético sobre os significados da fé e da festa. Para Andrade, a festa de Reis tem como característica eminente a sua possibilidade de se refazer e se reestruturar a cada ano, repensando elementos e inserindo significações. Para isso, destaca a autora, a festa se desenvolve em vários espaços, territórios múltiplos de sentidos geográficos e simbólicos onde congregavam-se, neste espaço festivo, danças, risos, euforia, fé cristã, dentre tantos elementos que se completavam.

A festa revela para o pesquisador não apenas os momentos festivos de uma localidade, mas também as vivências cotidianas que se articulam através de sua organização e realização. Por meio das festividades é possível perceber os comportamentos, as representações e as visões de mundo de uma sociedade. Além do momento de prazer, as festas guardam os costumes e especificidades culturais. Assim, a Festa de Reis não é utilizada apenas para fugir das durezas do cotidiano. Mas também torna-se um espaço para manter laços de solidariedade, trocas culturais e preservar traços de suas tradições.

Essa festividade também torna-se um espaço privilegiado de diversão visto que é possível celebrar aos Santos Reis – tranqüilizando os fiéis que acreditam ser necessário festejar aos Santos para que eles possam trazer-lhes paz e prosperidade – sem perder de vista a alegria e divertimento proporcionado pela Folia.

FONTES:

CULTURA é o que? *Bahia de todos os cantos*. Salvador, A. 1, N. 1, Mar. 2009

GRUPO de reizado de Cabaceiras, DVD, v.1

REIZADO de Cabaceiras, CD, v.2

ENTREVISTAS:

1- Belmiro Araújo das Mercês, 58 anos, entrevista realizada na residência do Sr. Geraldo em 10/01/2010 .

2- Geraldo das Mercês, 53 anos, entrevista realizada em sua residência em 04/01/2010.

3- Gregório Alves dos Santos, 80 anos, entrevista realizada na residência do Sr. Geraldo em 10/01/2010 .

4-Luís Pinto de Oliveira, 73 anos, entrevista realizada na residência do Sr. Geraldo em 10/01/2010 .

CANÇÕES:

MERCES, Geraldo. Devotos do divino. Reizado de Cabaceiras, v.1 (produção independente).

MERCES, Geraldo. Nevoeiro bonito. Reizado de Cabaceiras, v.1 (produção independente).

MERCES, Geraldo. Seguro nas mãos de Deus. Reizado de Cabaceiras, v.1 (produção independente).

MERCES, Geraldo. Vaqueiro malvado. Reizado de Cabaceiras, v.1 (produção independente).

MERCES, Geraldo. Emoção. Reizado de Cabaceiras, v.1 (produção independente).

REFERÊNCIAS:

ABREU, Marta. Cultura popular: Um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. (orgs): *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABREU, Marta. Nos requebros do Divino: Lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX In: CUNHA, M.C.P. (org.), *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas, Ed. Unicamp, 2005, 341-369.

ANDRADE, Fabiane da Silva. “*Humildes em alegrias*”: *Um repensar sobre a festa de Reis em Santo Antônio de Jesus (1968-1992)*. IV Simpósio Nacional de história cultura, 2008.

AZEVEDO, Cecília e ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Identidades plurais. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. (orgs): *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

AZEVEDO, Cecília. . Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. (orgs): *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec, 1987.

CRUZ, Alessandra Carvalho da. “*O samba na roda*”: *Samba e cultura popular em Salvador 1957 – 1954*, Salvador, 2006 (Dissertação de Mestrado).

DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense. 2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

OLIVEIRA, Vanilson Lopes. *Conceição do Coité e os Sertões dos Tocós*. Conceição do Coité, Clip Servicos Gráficos, 2002.

REIS, João José, *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. Tambores e temores: A festa negra na Bahia na metade do século XIX. In: CUNHA, M.C.P. (org.), *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas, Ed. Unicamp, 2005.

SERRA, Ordep. *Rumores de Festa: o Sagrado e o Profano na Bahia*. Salvador: Edufba, 2000.

SOIHET, Rachel, “Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural” In: CUNHA, M.C.P. (org.), *Carnavais e outras f(r)estas*, Campinas, Ed. Unicamp, 2005.

SOIHET, Rachel. Introdução. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. (orgs): *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: C.F. Cardoso e R. Vainfas. (orgs). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

